

## APRESENTAÇÃO

A proposta deste oitavo número da quinta edição da revista *ContraPonto* é de reunir artigos sobre gêneros discursivos e textuais que circulam na ambiência escolar ou fora dela. Todos os cinco artigos defendem a importância de um estudo ou ensino de língua portuguesa baseado em gêneros textuais, abordando formas de sentir apoiadas em diferentes discursos, textos e escolhas lexicais. O primeiro artigo, “O gênero crítica de cinema como sequência narrativa de natureza discursiva e social: a construção do narrar para além da prototipicidade”, consegue abordar, de maneira ampla, sentidos relativos às condições de produção e recepção textual, ligados a intertextualidade e a produção e circulação de diferentes discursos, baseando-se em algumas escolhas lexicais. Para isso, as autoras se baseiam em diversos autores como Bakhtin, Bronckart e Adam, os quais recortam o objeto de pesquisa baseados em diferentes preocupações com a linguagem e a língua, atendendo a preocupações teóricas distintas, provenientes de campos de atuação que também são diferentes. O segundo artigo, “Análise discursiva do programa de tv “Jornal sensacionalista” sob o olhar dialógico e híbrido dos gêneros”, apresenta uma visualização de intertextualidades entre um programa humorístico, imitando um telejornal. Interdiscursividades entre uma personagem, com o papel social de professora, que apenas de estar presa, consegue, na perspectiva discursiva adotada no artigo, sentir-se livre das amarras da sociedade machista e opressora em que vivemos. As autoras também se valem do interacionismo de Volochínov e Bakhtin, integrados a contribuições da análise do discurso, sob a perspectiva de Charaudeau e Maingueneau. Em, “Avaliação de proficiência escrita por meio da produção de gêneros textuais: uma análise do exame CELPE-BRAS”, assim como os outros, há uma defesa de estratégias de ensinar língua portuguesa tanto para quem nasce brasileiro ou não. A pauta desse ensino é a perspectiva dos gêneros, sob a ótica de Bronckart, visando letramentos autônomos sobre como agir em sociedade, em diferentes situações, ao invés de um estudo e formação baseados em apenas alguns dos inúmeros sentidos (ou sinais?) da língua portuguesa. Além disso, também negam uma formação baseada em uma identidade reconhecida como a melhor. O quarto artigo, “A leitura e a escrita de histórias em escolas e na família: eu e os outros em diferentes situações” é sobre dois métodos de ensino: um mais hierarquizado, com a professora protagonizando os

dizeres; o outro, voltado para a formação dos alunos para conviverem com os outros, em grupos, em sala de aula. Esse texto objetiva demonstrar que, mesmo o ensino pautado em gêneros discursivos, dependendo do método de ensino, pode limitar a atuação da professora e a formação dos alunos. Tal posicionamento é resultado de leituras bakhtinianas associadas a reflexões de Benveniste, o que levou a pensar a formação identitária não apenas sob o viés do social, do outro. O letramento é também resultado da história de vida dos sujeitos, das experiências e de como o eu se apresenta diante do outro. A variedade de posicionamentos do eu são sempre orientadas pelo(s) outro(s)? Não. Depende do espaço de formação institucional e também das escolhas dos sujeitos envolvidos nas interações. Desse modo, o que se percebe é uma busca por romper com limites impostos por formas únicas de se ensinar gêneros textuais. O último artigo é sobre como professores do ensino fundamental I entendem e diferenciam sequência didática, unidade didática e projeto didático. Um questionário foi aplicado a diferentes autores e as conclusões tanto confirmam hipóteses como apresentam novidades.

Karine Correia dos Santos de Oliveira